ESPOROTRICOSE FELINA

Autor(res)

Thiago Souza Azeredo Bastos
Natália Alves Silva
Ana Vitoria De Souza Brito
Juliana Dias Martins

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA DE ANÁPOLIS

Introdução

A esporotricose é uma zoonose, que ocorre em surtos epidêmicos em diferentes regiões do Brasil. Trata-se de uma enfermidade infecciosa que acomete principalmente os felinos, os quais podem se contaminar por meio de arranhões provocados por espinhos de plantas, contato com solo contaminado, além de mordidas e arranhaduras de animais já infectados.
O agente etiológico é dimórfico e pertence ao gênero Sporothrix spp., responsável por impactos relevantes tanto na saúde animal quanto na saúde humana. Tornou-se uma enfermidade reconhecida como um problema de saúde pública, que atinge principalmente pessoas de comunidades socialmente vulneráveis. Devido à gravidade dessa doença, a notificação se tornou obrigatória em alguns estados brasileiros.
Nos gatos, a esporotricose é uma doença que pode se desenvolver após a penetração do microrganismo em lesões traumáticas, como em plantas, solos e matéria orgânica, na mucosa ou pele, assim como, por meio de mordeduras ou arranhões por outros animais infectados, principalmente os gatos domésticos.
A infecção pelo complexo Sporothrix schenckii pode apresentar ampla variedade de sinais clínicos, podendo também se desenvolver de forma subclínica. A forma mais comum envolve múltiplas lesões cutâneas, principalmente da região da cabeça, podendo também afetar mucosas do trato respiratório.

Objetivo

Descrever as manifestações clínicas da esporotricose em felinos e discutir sua relevância como problema de saúde pública.

Material e Métodos

O presente trabalho será desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo. A busca será realizada em bases de dados como SciELO e Google Acadêmico. Considerando publicações dos últimos cinco anos, em português. Serão incluídos artigos científicos e livros que abordem aspectos clínicos, epidemiológicos e da zoonose que afeta a saúde pública, a esporotricose felina. Serão excluídos trabalhos sem fundamentação científica, revisões não sistematizadas e materiais de baixa credibilidade.

Resultados e Discussão

ETIOLOGIA E EPIDEMIOLOGIA

A esporotricose é uma doença que tem como meios de contaminação os vegetais, madeira e o solo contaminado. Estes fungos crescem no solo, em nichos ecológicos com amplas variações de temperatura e umidade, mas também estão associados a uma variedade de plantas, flores, detritos lenhosos, caules e folhas, facilitando assim seu estabelecimento e proliferação no meio ambiente. Esse fungo não penetra na pele intacta, sendo assim, existe a necessidade de um traumatismo com pedaços de madeira, espinhos de plantas no
trabalho em floriculturas, jardinagem e horticultura. Além disso, a transmissão ocorre por arranhaduras e mordeduras por um animal infectado. A infecção pode ocorrer também pelo
contato direto da pele lesionada ou mucosa com lesões e secreções dos gatos. Em um estudo realizado por Almeida et al. o gato macho não castrado se destacou como o
maior transmissor da doença. Mundialmente a distribuição desse patógeno é descrita como
uma doença de distribuição universal, mas com predominância em locais de clima tropical e subtropical. No entanto, a prevalência das espécies difere em sua distribuição global. Por exemplo, a espécie S. brasiliensis é endêmica no sudeste da América do Sul, e a espécie Sporothrix globosa na Ásia, já o S. schenckii encontra-se principalmente na África do Sul, Austrália e Américas. Entretanto casos atípicos podem ocorrer, como na Austrália, onde um caso pelo fungo do complexo Sporothrix pallida, considerado pouco patogênico foi relatado (ASSIS,2022).

SINAIS CLÍNICOS E DIAGNÓSTICO EM FELINOS

A esporotricose pode se apresentar de diversas maneiras. Nos felinos a doença pode gerar mais de uma manifestação clínica ao mesmo tempo. São descritas a forma cutânea, apresentando-se como lesão fixa, a forma disseminada e a linfocutânea. Geralmente, as
caraterísticas da lesão cutânea são múltiplas lesões nodulares dérmicas ou subcutâneas; no caso das linfocutâneas, desenvolvem-se vários nódulos subcutâneos e linfadenite regional. Já a cutânea disseminada é caracterizada por várias lesões espalhadas com crostas, sangue e pus. Nas lesões extra cutâneas ocorrem alterações pulmonares ou sistêmicas. A apresentação clínica é semelhante à da tuberculose, os padrões radiológicos incluem doença cavitária, aumento dos linfonodos traqueobrônquicos e lesões nodulares. Durante o exame clínico os aspectos das lesões típicas podem gerar suspeitas de tratar- se da esporotricose, porém, além do histórico e exame físico, para a confirmação do diagnóstico é preciso realizar exames complementares. O padrão ouro para o diagnóstico é o isolamento em cultura. Este exame possui uma alta sensibilidade e especificidade, em
contrapartida o resultado demora aproximadamente 20 dias. Sendo assim, uma alternativa mais rápida para a rotina clínica seria a citologia. O resultado do exame é obtido mais rápido, porém, mesmo sendo mais rápido, possui menor especificidade e sensibilidade. Ressalta-se que alguns resultados são discordantes quando comparado ao isolamento em cultura. Apesar disso, Bison et al. citam que a citologia também pode ser considerado padrão ouro para o diagnóstico da esporotricose felina. Há também outras formas de diagnósticos
como imuno-histoquímica, reação em cadeia da Polimerase (PCR) e histopatologia (ASSIS,2022).

Conclusão

A esporotricose é uma zoonose considerada negligenciada e pode atingir diferentes espécies animais, sendo os felinos os mais frequentemente afetados e atuando como importantes transmissores para os seres humanos. Nos tutores, a enfermidade provoca principalmente lesões cutâneas e, em situações menos comuns, manifestações extracutâneas, além de repercussões de ordem psicossocial. Nesse contexto, a aplicação do conceito de Saúde

Única configura-se como a estratégia mais eficaz para conter a propagação da doença entre animais e pessoas.

Referências

ASSIS, G. S. et al. ESPOROTRICOSE FELINA E SAÚDE PÚBLICA. Veterinária e Zootecnia, v. 29, p. 1–10, 21 maio 2022.